



4º. Domingo depois da Epifania (30/01/2005)

1ª leitura (Antigo Testamento) – Miquéias 6.1-8

Se tivéssemos que resumir o cerne de toda pregação profética no Antigo Testamento, o presente texto de Miquéias poderia muito bem expressar tal síntese. Após uma típica fórmula oracular de processo de Iahweh contra seu povo, vem a pergunta: "Meu povo, que ti fiz eu?" Segue-se a memória dos atos libertadores de Deus, sobretudo a lembrança da libertação do Egito. Diante disso, o profeta apresenta a típica resposta do povo, acostumado com rituais para satisfazer a divindade (vers. 6-7). O profeta coloca essas respostas exatamente para dizer que o que Iahweh requer não é propriamente a observância de cerimônias rituais (vênias, holocaustos, libações e sacrifícios), mas algo muito prático (v.7). O que Iahweh exige é algo muito simples: a) praticar a justiça; b) amor e fidelidade à Aliança; c) humildade. (CEBC)

2ª leitura (Epístola) – 1 Coríntios 1. (18-25) 26-31

A formação de grupos rivais com a "glorificação" e apego a eles na Igreja de Corinto, conforme o relato dos da casa de Cloé, é para o apóstolo uma ocasião para uma reflexão sobre a chave de interpretação da Boa Nova. O Evangelho de que Cristo crucificado pelos poderosos do mundo e que foi ressuscitado por Deus foi e está sendo apresentado. Esse escândalo é um sinal poderoso de que Deus se identifica com todos os excluídos. E todos ouviram esse Evangelho. Ao ouvi-lo, eles avaliaram o que ouviram. Uns reagiram: isto é uma loucura, onde se viu alguém considerado inimigo do império ser poder para a salvação? Os membros da Igreja de Corinto viram e ouviram nessa Boa Nova a manifestação divina, que traz uma nova percepção da realidade humana, um novo arranjo e um novo rumo da vida pessoal e uns com os outros, com relação ao mundo, ao destino da humanidade. Aconteceu, porém, houve quem começasse entender o Evangelho com outro critério.

Vs.1-25 O que está contrastado e está em jogo é a sabedoria como os grupos entendiam e o Cristo (Messias) execrado pelo império por meio da crucificação (é preciso insistir por quem foi crucificado, por que o Cristo não foi morto acidentalmente). Por isso, a "sabedoria" e a "loucura" são citações por parte do apóstolo do que os de Corinto diziam. Trata-se aqui de correspondência e diálogo entre o apóstolo e a Igreja. Não se trata de depreciar conhecimento e sabedoria, mas de denunciar a arrogância do conhecimento superior, que cega a percepção da nova realidade se revelando na crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.

Por isso, é bom perceber que a sabedoria que predomina nesta seção é qualificada como sendo a "sabedoria do mundo" (1.20; 3.19; 1.27,28; 2.12; 4.13), "sabedoria dos humanos" (1.25; 2.5), "sabedoria deste século" ou "sabedoria dos príncipes deste mundo" (2.6).

É interessante observar que, em conversa com a Igreja de Corinto, o apóstolo traz ao cenário Isaias que criticou a decisão do rei Ezequias seguindo os seus



conselheiros principais, ao invés de confiar em Deus. Essa falta de confiança no Senhor de Israel foi considerada como sendo uma falsidade, adorando a Deus em palavras e, de fato, confiando mais nos poderes humanos. Mas para o mundo, aparentemente, o que vale é a sabedoria humana. Essa sabedoria Deus conhece e a conhece como vã, uma máscara de "piedade" (Sl 93.11; Jó 5.13// 1Co 3.20, ver Isaias 29.13ss. 28.1ss; 7.10ss). Com efeito, a sabedoria dos sábios foi reduzida a nada.

Em Corinto e no Império Romano como um todo havia "sabedoria da paz e segurança" estabelecida por César Augusto, propagada por uma teia de patronagem ou apadrinhamento e assegurada pelo poder imperial. A honra, prestígio, o acesso ao poder eram distribuídos dentro desse sistema de dominação e o uso e conhecimento da palavra e palavra persuasiva tinham a ver muito não só com o acesso aos "benefícios" mas também com manutenção do sistema. Assim, dependendo do ponto de vista de quem ouvia, o Evangelho apostólico é uma loucura.

Vs.21 - Aqui, a "sabedoria", orgulho do Corinto, é contrastado com uma outra concepção da sabedoria. Ela é qualificada como sendo a sabedoria divina, que expõe a loucura da "sabedoria deste século" - o mundo não conheceu pela sua sabedoria a sabedoria de Deus. Essa sabedoria divina é o Cristo crucificado, a revelação do projeto de Deus (mistério de Deus). Do ponto de vista dos judeus e dos gentios o Messias crucificado é escândalo e loucura. Porém, nessa loucura e fraqueza (ironicamente falando) a sabedoria e o poder de Deus foram manifestos. É bom perceber que o apóstolo está recorrendo ao uso da retórica da época, ao uso da ironia.

A incapacidade de perceber a sabedoria e o poder de Deus no Cristo humilhado na Cruz tem a ver com a formação de grupos rivais em torno de seus "sábios" preferidos. E isso tem a ver, por sua vez, com a depreciação daqueles que são provenientes da camada inferior da sociedade: escravos libertados, os remediados, e pequenos proprietários, a maioria dos membros da Igreja em Corinto, (sobre a condição social da Igreja em Corinto, ver MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos*). Em poucas palavras, a vanglória expressa na rivalidade entre os grupos e na desconsideração dos pobres e fracos (seu reflexo na assembléia eucarística, 11.17ss.) é a manifestação dos valores do mundo daqueles dias.

Vs.26ss. Esta seção ilustra na vida dos leitores da carta (os membros da Igreja de Corinto) que Deus age surpreendentemente. Os que são considerados não sábios, de condição inferior receberam o chamado de Deus. E diz o apóstolo no capítulo seguinte que ele, também, apareceu entre eles na forma vulnerável para anunciar o Evangelho do Messias crucificado.

Então, a visão de Deus que surge do texto é surpreendente. O Deus apresentado pelo Evangelho apostólico não se encaixa dentro das expectativas humanas, e não serve para legitimar os intentos dos poderosos. Para conhecer e amar esse Deus, é preciso passar por despojamento do orgulho, deixar de lado os critérios estabelecidos. Não se pode aproximar-se de Deus e ter a pretensão de conhecê-lo só em palavras vazias. A sabedoria que tanto fascinava os coríntios é relativizada pelo termo "de Deus" e colocada ao lado da justiça, santificação e libertação ou redenção.



Assim, não se trata de negar o lugar da razão, da ciência e cultura na vida cristã e na leitura das Escrituras. Elas têm sua importância, mas o que o apóstolo combate é o orgulho, arrogância. "Para que nenhuma criatura possa orgulhar-se diante de Deus" é um eco de Jeremias 9.12ss. Que o sábio não se glorie de sua sabedoria, que o valente, de sua força; o rico, de sua riqueza. Conhecer Deus é conhecer o Senhor que exerce a solidariedade, o direito e justiça sobre a terra. É disso que ele se agrada e disso é que se deve vangloriar.

O trecho selecionado nos leva a refletir a conexão estreita entre o Evangelho, a forma como se anuncia (inclusive a forma do exercício do ministério) e o efeito na forma de uma comunidade que ressalte a fraternidade, a acolhida dos excluídos, e formação de um estilo de vida condizendo com o reinado de Deus centrado na verdadeira adoração de Deus conhecido na Cruz/Ressurreição (ST).

Santo Evangelho – Mateus 5.1-12

Tal como Moisés recebeu no monte a lei, Jesus agora repete, mas superando a velha aliança. O monte é o lugar simbólico de onde Jesus anuncia sua mensagem. O sermão se inicia com as "bem-aventuranças". Essas não são apenas congratulações, mas um programa de vida. Elas mostram a quem o Reino é dirigido e quem são seus herdeiros. Fala de qualidades que devem ser encontradas na vida dos que se submetem ao domínio soberano de Deus. Há que se dizer, porém, que tais qualidades não são fruto do esforço humano. Não adianta simplesmente "desejar" ser humilde de espírito ou pacificador. Isso é, acima de tudo, obra e resultado da mensagem de Jesus e de seu Espírito em nós. Talvez por isso, Tillich tenha dado ao sermão que pregou sobre esse tema, o título "O paradoxo das bem-aventuranças".

As bem-aventuranças apresentam uma verdadeira inversão de valores, semelhante ao Magnificat. "Os que choram" podem ser visto como aqueles que se lamentam pela força do mal e injustiça no mundo; "mansos" são os que não buscam se prevalecer, o oposto aos arrogantes. "Os que têm fome e sede de justiça" anseiam pelo triunfo final de Deus sobre o mal; "os misericordiosos" são os que refletem e manifestam aos outros, a misericórdia de Deus; "os limpos de coração" são íntegros e puros nas suas intenções. Alguns exegetas sugerem que as interpretações particulares inseridas por Mateus (não encontradas no paralelo lucano) indicam uma adaptação posterior da comunidade primitiva na época das primeiras perseguições.

O Reino de Deus é o parâmetro e cerne para compreensão das bem-aventuranças. É o critério que distingue e diferencia a velha era e a nova era inaugurada por Jesus. Entretanto, na história presente, o novo ainda convive com o velho. É nessa tensão dialética e ambígua que se equilibra a comunidade dos seguidores de Jesus. Mas é uma comunidade que vive da certeza de que os pobres, os que agora choram, os que agora padecem fome, os que são ultrajados, podem esperar precisamente o contrário de sua atual situação; já os ricos, que estão saciados, os que riem, que são populares e respeitados, são dignos de lástima porque devem esperar precisamente todo o contrário de sua vida atual, pois o Reino de Deus significa o juízo sobre todos os poderosos e prepotentes.



Tillich sugere que Jesus se dirigia a dois tipos de pessoas. Os primeiros viviam com seus corações voltados para o mundo que havia de vir. Apenas se adaptavam às coisas tal como elas são, mas gemiam sob a condição de suas vidas. Muitos eram desertados, se sentiam inseguros, estavam famintos e oprimidos. O outro grupo eram os estabelecidos no presente mundo e que se beneficiam de seus privilégios, que gozavam de prestígio, poder e segurança. Estavam tão comprometidos com este mundo que iriam desaparecer com ele. Por isso no texto paralelo de Lucas, as bem-aventuranças são complementadas pelos ditos "ai de vós".

Entretanto, as bem-aventuranças não podem ser transformadas num programa de moralização ou espiritualização forçada. Isso seria frontalmente oposto às palavras de Cristo. As bem-aventuranças dizem respeito aos valores máximos do Reino, da ordem vindoura que sempre está vindo e julgando a ordem atual, mas que nunca pode ser capturada como algo de que se toma posse e transformada num programa educativo dominado pelos que supostamente alcançaram tal nível de vida.

As bem-aventuranças podem ser vistas também como um estímulo à vida cristã. Por mais difícil que seja nossa caminhada no Reino, por mais pobres que sejamos na vida atual, sempre é possível descobrir a riqueza maior de participar do mundo vindouro, de suas lutas e vitórias. Desse modo, o seguidor de Jesus é bem-aventurado porque mesmo quando ultrajado, vilipendiado e oprimido, sabe que esse ultraje pertence a essa ordem já julgada, enquanto ele pertence a outra. Isso nos leva a ter pelos opressores e dominadores não ódio, mas compaixão. Por seu medo e desespero, pela tentativa agoniada de manter as coisas presentes, acabam por revelar que a nova ordem é real e os desestabiliza.

O tempo verbal no futuro indica aos bem-aventurados não apenas uma esperança tênue de mudança, mas certeza baseada nas promessas de Deus. Os que choram serão certamente consolados (CEBC).